

FRONTEIRAS LITERÁRIAS: EPISTEMOLOGIAS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS

Gabriel Vidinha Corrêa¹

Resumo: A literatura configura-se em diversas formas de conhecer o mundo, em muitas materialidades possíveis. Nesse sentido, nosso objetivo é propor uma reflexão sobre os pressupostos teóricos que envolvem a tradução literária língua portuguesa/Libras, como parte da discussão inicial do projeto de tese de doutorado. A tradução afigura-se sempre como uma aposta difícil pelo fato das realidades linguísticas se manifestarem de formas distintas no seio das línguas, assim, a experiência da fronteira torna-se importante para o estabelecimento da tradução, principalmente, do texto literário. As configurações do literário em Libras, visualidade, imagem e recriação serão categorias fundamentais para reflexão em tela. Para tanto, utilizaremos como escopo teórico, sobretudo, os estudos de Deleuze e Gattari (2017), Meschonnic (2010), Bhabha (2013), Bachelard (2008) e Mourão (2016).

Palavras-Chave: Tradução Literária. Língua Portuguesa. Libras. Epistemologia.

INTRODUÇÃO

“Tenho certeza que estas não são as palavras certas”, disse a pobre Alice, e seus olhos se encheram de lágrimas de novo enquanto continuava (Lewis

¹ Professor da área de Letras/Libras do Instituto Federal Baiano (IF Baiano). Doutorando em Crítica Cultural, linha de pesquisa em Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É integrante do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (Geplit/UFMA) e do Grupo de Estudos em Língua (gem) e Crítica Cultural (UNEB). Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: gabriel.vidinha@hotmail.com.

A Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) tem, nas últimas décadas, ampliado consideravelmente o seu horizonte no âmbito acadêmico, sobretudo, nos estudos linguísticos. É importante observar que de 2002, ano da promulgação da Lei da Libras, até aqui, as incidências nos estudos da tradução, na sua maioria, versam sobre o viés da teoria linguística, figurando um lugar de destaque nos programas de Pós-Graduação em Linguística, Linguística Aplicada e Estudos da Tradução no território nacional. Assim, com o propósito de ampliar a abordagem em outras ramificações no âmbito dessa língua, nossa atenção volta-se, portanto, aos estudos literários na sua relação profícua com o fenômeno da tradução, mais especificamente ao ramo da Tradução Literária Língua Portuguesa/Libras.

Para além do contato entre línguas e estudos lexicais, reside ou deve residir, dimensões que alcem a tradução em outros lugares que considerem a diversidade cultural, artística e identitária, e que deem a ver o fenômeno do homem e da cultura. Nesse contexto, a literatura enquanto forma de conhecer o mundo, deve ser colocada em um lugar de relevo (MOISÉS, 2012). No âmbito dos estudos acadêmicos da Libras, a tradução literária, a literatura surda e literaturas em língua de sinais, acabam por ficar em segundo plano porque tensionam as relações de saber e poder por se configurarem, naquilo que Deleuze e Gattari (2017) chamariam de olhares sobre literaturas menores, trazendo no seu escopo as diversas manifestações da língua, as relações coletivas de um grupo minoritário e a ótica política que reivindicam o respeito à alteridade.

Nesse sentido, a tradução literária em uma língua de sinais, de certo modo, adentra o contexto da resistência. Devemos observar que ela traz à baila as inúmeras maneiras do fazer

literário em outra língua, a tradução, portanto, se configura em verter a realidade manifestada em uma língua para a realidade de outra língua, considerando as especificidades do texto e a percepção da língua em tela. É preciso considerar que a Libras é uma língua de modalidade gestual-visual em quem a experiência estética tende a se apresentar a partir de uma semiótica visual. Assim, todos os elementos estéticos-literários carecem de um olhar específico, de modo a entrever a natureza do texto literário e as formas pelas quais esse texto se descortina como um texto literário em Libras.

Em pesquisas ao banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que compilam os trabalhos de mestrado e doutorado no Brasil, os resultados sobre a *Tradução Literária Língua Portuguesa/Libras* se apresentam em 7 produções (entre 2013 e 2018), sendo 6 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado, em programas de estudos da tradução e de literatura. Algo comum entre os trabalhos é o enfoque no estudo contrastivo entre o vocabulário da Língua Portuguesa com a Libras, a formação de glossários, a mesclas entre tradução e interpretação, a descrição da variação linguística em textos literários, dentre outros aspectos com ênfase na palavra ou no sinal. No entanto, se faz necessário o estudo da recepção do texto literário em Libras enquanto arte, refletindo como esse *status* reverbera em uma língua sinalizada para a compreensão do texto literário em Libras a partir da tradução.

A proposta desse trabalho justifica-se, como vimos, pela necessidade de inserir a Tradução Literária Língua Portuguesa/Libras, no contexto da Crítica Literária, Estudos Culturais e dos Estudos da Tradução, considerando uma língua de minorias e que carece de destaque no âmbito acadêmico, garantindo, sobretudo, a alteridade da língua no tocante ao fazer estético, fomentando a prática de tradução além do contexto

utilitário e linguístico, considerando as formas de existir e manifestar a arte em uma língua de sinais. Em função dessas predicções, a proposta desse projeto inicial de tese ajusta-se aos pressupostos da linha de pesquisa *Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida*, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, uma vez que em seu escopo encontra-se o estudo de representações literárias e modos de produção das minorias e comunidades periféricas na sua relação com formações discursivas e epistemologias diversas.

EPISTEMOLOGIAS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS

O problema que circunda essa pesquisa baseia-se na ausência de trabalhos teóricos-críticos sobre os pressupostos da tradução literária no contexto Língua Portuguesa/Libras. É percebido a presença de estudos gerais da tradução e da interpretação em âmbitos utilitários ou quando centrado no texto literário reduzindo-o apenas à forma. Assim, algumas questões tornam-se fundamentais para reflexão desse fenômeno:

- 1 Qual o lugar da representação estética na Tradução Literária Língua Portuguesa/Libras?
- 2 Tendo em vista que a modalidade da Libras é gestual-visual, é possível estabelecer uma relação entre os pressupostos das imagens literárias, cultural e modos de dizer enquanto potências na tradução literária?
- 3 Quais as configurações do literários em Libras e quais as relações de sentidos empreendidas quando da fronteira de uma língua para outra?
- 4 Atualmente, nos estudos da Tradução Literária Língua Portuguesa/Libras é discutido as relações entre ficcionalidade, teoria literária e estudos culturais?

Essa e outras questões serão trazidas à baila para as reflexões sobre o fenômeno da tradução.

A literatura, como nos apresenta Massaud Moisés (2012), dentre as expressões artísticas, é a que merece destaque em função do grande poder que tem em figurar a vida do homem, isso porque “constitui uma forma de conhecer o mundo e os seres humanos: convicta de ser acionada por uma ‘missão’, ela colabora para o desvendamento daquilo que todos nós, consciente ou não, perseguimos durante a existência” (MOISÉS, 2012, p. 28). Essas colocações dialogam de forma íntima com o mundo contemporâneo e reafirmam o lugar da literatura, sobretudo, nos contextos dissidentes: os contextos pelas quais se manifesta a literatura negra brasileira, a literatura indígena, a literatura da comunidade LGBTQIA+, a literatura surda ou literatura visual, dentre outros lugares de resistência que estão em constante debate para garantir seu lugar no mundo e, portanto, de sua existência.

No cerne desse debate reside os aspectos culturais necessários para reflexão crítica das manifestações artísticas, haja vista que “É o tropo dos nossos tempos colocar a questão da cultura na esfera do *além*” (BHABHA, 2013, p. 19, grifo do autor), dando a ver como novas configurações emergem em um campo empírico e epistemológicos a partir da experiência de ser-estar-no-mundo. Homi Bhabha pontua ainda que:

A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os ‘limites’ epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes — mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas. Isto porque a demografia do novo internacionalismo é a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas

e aborígenes, as poéticas do exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos” (BHABHA, 2013, p. 19).

Nesse íterim, grupos minoritários, como a comunidade surda, adentram as epistemes de modo a reconfigurar as formas de saber e de viver, colocações importantes para compreensão da literatura e das suas dimensões ética e estética que reverberam uma comunidade na sua relação com os modos de expressão. Aproximamos, portanto, os pressupostos dessas vozes enunciativas dissidentes e suas especificidades aos modos de expressão da arte por meio da tradução literária, considerando que “A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos da construção histórica” (BHABHA, 2013, p. 21).

No âmbito das artes, a literatura surda/literatura visual reivindica espaços de manifestação nas mãos de surdos e demais integrantes da comunidade, o que materializa o lugar na diferença no fazer literário como forma de existir e resistir. O pesquisador e artista surdo Cláudio Henrique Nunes Mourão em *Literatura Surda: experiência das mãos literárias* (2016) explana sobre o fazer estético e ético que perpassam as línguas de sinais como forma de identidade e experiência visual. Segundo ele:

Nessa língua podemos identificar os visuais estéticos, que transmitem o prazer e conforto linguístico. Nesse sentido, a língua de sinais provoca emoção, pela beleza das frases estéticas, pelo modo como se manifestam as artes sinalizantes. Literatura é uma herança, articulada à cultura, à comunidade e à língua, como se tivesse em um circuito (MOURÃO, 2016, p. 34).

Esses efeitos estéticos percebidos por um usuário da língua, deve de forma similar, adentrar outras esferas que envolvem a literatura e as línguas de sinais, como a prática de tradução de textos literários, considerando os elementos dos textos literários,

suas simbologias e as formas de dizer em língua de modalidade gestual-visual. Como sugerido por Mourão (2016), a visualidade é a essência do fazer literário em Libras; a dimensão estética, portanto, deve trazer à tona as formas de manifestar um texto literário na sua relação com a percepção do mundo da língua. Habita nesse olhar específico da visualidade em Libras a ideia de cultura enquanto teias de significado conforme nos apresenta Clifford Geertz (2008), perspectivando o cultural sob o viés semiótico, “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado” (GEERTZ, 2008, p. 4). À luz desse entrelaçamento de signos interpretáveis como fator cultural voltaremos discussão à estética que deve considerar os modos de existir na língua de sinais, sobretudo, pelo fato de o mundo ser categorizado por meio da sinalização no espaço e demais recursos que dão lugar à experiência e sensações visuais, categorias importantes quando do estabelecimento da tradução de um texto literário.

Dos hibridismos culturais às representações estéticas visuais, nossa intenção é mergulhar no universo da Tradução Literária Língua Portuguesa/Libras com enfoque especial aos diversos contextos que tornam a tradução “mais que uma simples operação linguística: as línguas são inseparáveis da diversidade cultural” (OUSTINOFF, 2011, p. 10). Enquanto mediadora da diversidade, a tradução literária abarca o trabalho com a língua na sua relação com o elemento estético, tendo em vista que:

A linguagem literária, dado o seu caráter polissêmico, expressa a realidade humana ao desvelar como o homem se relaciona com o mundo e com os outros, ao mesmo tempo em que descortina a condição humana e sua existência por meio de uma linguagem especial, artística e poética, que leva o leitor ao deslumbramento justamente por dizer aquilo que não foi dito, imerso na ausência desconfortante ou reveladora (FEITOSA, 2018, p. 22).

Nesse contexto, Henri Meschonnic em *Poética do traduzir* (2010), empreende-se em uma verdadeira apologia da poética que deve residir no universo da tradução, formando um escopo da teoria da linguagem poética, da identidade e da sociedade enquanto um fenômeno necessário. Para ele o traduzir não se reduz ao trabalho prático, mas necessita de uma importância teórica materializada em movimento linguagem/sociedade para dá a ver a alteridade das línguas e da estética, “A poética é uma teoria crítica no sentido em que ela se encontra como teoria do conjunto da linguagem, da história, do sujeito e da sociedade, e recusa as regionalizações tradicionais” (MESCHONNIC, 2010, p. 4). O autor pontua, ainda, o efeito do pensamento poético que dever circundar a tradução, pois: “o pensamento poético é a maneira particular pela qual um sujeito transforma, inventando-se, os modos de significar, de sentir, de pensar, de compreender, de ler, de ver — de viver na linguagem. É um modo de ação sobre a linguagem” (MESCHONNIC, 2010, p. XXXVII).

A tradução literária para a Libras deve acompanhar esses efeitos entrelaçados à experiência visual, lugar no qual a estética literária se manifesta para expressar a arte por meio das mãos e no espaço da sinalização. Essas assertivas se justificam a partir de uma semiótica visual que contempla a concepção de mundo de uma língua a partir das suas particularidades, “sendo cada cultura dotada de uma ‘visão de mundo’ que lhe é própria, ela impõe por isso mesmo condições variáveis ao reconhecimento do objeto e, conseqüentemente, à identificação das figuras visuais como algo que ‘representa’ os objetos do mundo” (GREIMAS, 1984, p. 24).

Nessa vereda, é necessário pensar o texto literário enquanto um mundo ficcional possível, cuja narrativa ou a poética se engendram para dá a ver o fenômeno da cultura, “pois um idioma faz parte de um todo maior, que é o que denominamos de cultura; e as ‘coisas’ reconhecidas por uma cultura não são as

mesmas que as outras reconhecem” (BRITTO, 2020, p. 14). É evidente essas especificidades sendo figuradas no contexto da produção de outras literaturas. Por exemplo: nas literaturas africanas de língua portuguesa, a presença da oralidade é marcante; o que o ocidente denomina de “narrador”, em África se reverte na figura ancestral do “griot”, característica que em essência marca a aura da literatura africana que deve ser considerada em qualquer parte do mundo, tendo em vista que se apresenta como aspecto cultural e identitário das comunidades africanas. Do mesmo modo, o fator visual que caracteriza o modo singular da sinalização em Libras, deve ser respeitado quando das produções literária no contexto da tradução. Daí a necessidade da aproximação dos estudos da crítica literária e da representação da imagem enquanto categorias para tradução literária Língua Portuguesa /Libras, pois é convocada a recriação do mundo de uma língua para o mundo de outra língua, assim “Traduzir é, ao mesmo tempo, habitar a língua do estrangeiro e dar hospitalidade a esse estrangeiro no coração de sua própria língua” (RICOEUR, 1998, p. 15).

Na Libras, como vimos anteriormente, a visualidade é, em suma, a máxima que se deve assegurar quando dos processos de tradução. Para isso, sugerimos um olhar especial à representação da imagem como nos apresenta Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (2008). Segundo ele, os pressupostos fenomenológicos “pode ajudar-nos a reconstituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transubjetividade” (BACHELARD, 2008, p. 3), elementos que estão sempre em potencial no texto literário. Para o filósofo, a imagem põe em movimento todo exercício da linguagem, ela “expressa-nos tornando-nos aquilo que ela expressa — noutras palavras, ela é ao mesmo tempo um dever de expressão e um dever do nosso ser” (BACHELARD, 2008, p. 8). Habita, pois, na imagem os elementos da criação que precisam ser figurados na materialidade da

Tradução Literária Língua Portuguesa/Libras por considerar a imagem enquanto um fenômeno de Ser/Estar que baliza a linguagem de modo geral. Assim, as imagens possibilitam ressonâncias nos diversos sistemas linguísticos.

Semelhante repercussão reside, ainda, na manifestação da imagem a partir de Alfredo Bosi em *O ser e o tempo da poesia* (2000, p. 19). Para ele:

A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizar-se no corpo. A imagem é afim à sensação visual. O ser vivo tem, a partir dos olhos, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós.

Intentamos dizer que a representação da imagem, como sugere Bachelard (2008) e Bosi (2000), traz à luz possibilidades para a tradução literária que envolve uma língua sinalizada, pelo fato de estabelecer uma relação profícua entre o modo de ver o mundo por meio da figuração e os modos de materialidades desses mundos como experiência possível. Dessa maneira, a Libras é afim à sensação visual enquanto representação estética. Ademais, as simbologias do entorno das imagens possibilitam a recriação literária, necessária para a expressão da imagem por meio das múltiplas linguagens: expressões, corpo, experiências. Em Libras, portanto, “A produção das sinalizações estéticas em vários gêneros é construída pela experiência visual. [...] A visualidade é a característica principal da língua de sinais” (MOURÃO, 2016, p. 126), em vista disso as categorias que envolvem a identidade e estética são potências para a evocação da imagem enquanto caminho da tradução literária Língua Portuguesa/Libras, isso porque essas categorias se engendram e “As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis” (CANCLINI, 2019, p. 304).

Lançar um olhar sobre a tradução literária que envolvem uma língua sinalizada, coloca em ênfase as representações da diferença, conferindo especificidades no modo de expressão, além do olhar cultural que perpassa os domínios da língua e da literatura. Nas palavras de Müller e Karnopp (2017, p. 131): “Traduzir-se em outra língua, dialogando com outras culturas, possibilita aos surdos construir nichos para o povo surdo requerer sua diferença e para a regulação de condutas através da cultura”, considerações importantes no que diz respeito as singularidades que circundam a Libras. Portanto, “A boa tradução é aquela que segue o que constrói o texto [...] em seu funcionamento semiótico e semântico” (MESCHONNIC, 2010, p. 28, grifo do autor) que em Libras se manifesta por meio dos sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução afigura-se sempre como uma aposta difícil em função das relações de sentidos e simbologias presentes no seio das línguas e das práticas socioculturais. A Libras por ser uma língua visual convoca especificidades que atenda o contexto intermodal e que considere como a realidade nessa língua é estabelecida.

Na tradução do texto literário no âmbito da Língua Portuguesa e da Libras se faz necessário sempre uma reflexão no que diz respeito à passagem de uma experiência literária para uma língua sinalizada, de modo a primar pela recriação e fidelidade na dobra do fazer estético-literário na perspectiva da visualidade.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cia da Letras, 2000.
- BRITTO, Paulo Henrique. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- FEITOSA, Márcia Manir Miguel. A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão. São Luís: Café e Lápis, 2018.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GREIMAS, Algirdas. Semiótica figurativa e semiótica plástica. *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, n. 4, jun. 1984.
- MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia e prosa*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura Surda: experiência das mãos literárias*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MÜLLER, Janete Inês; KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda: representações em produções editoriais. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 55, n. 44, p. 121-143, abr./jun. 2017.
- OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: história, teorias e métodos*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.
- RICOEUR, Paul. La marque du passé. *Revue de métaphysique et morale*, n. 1, 1998.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.